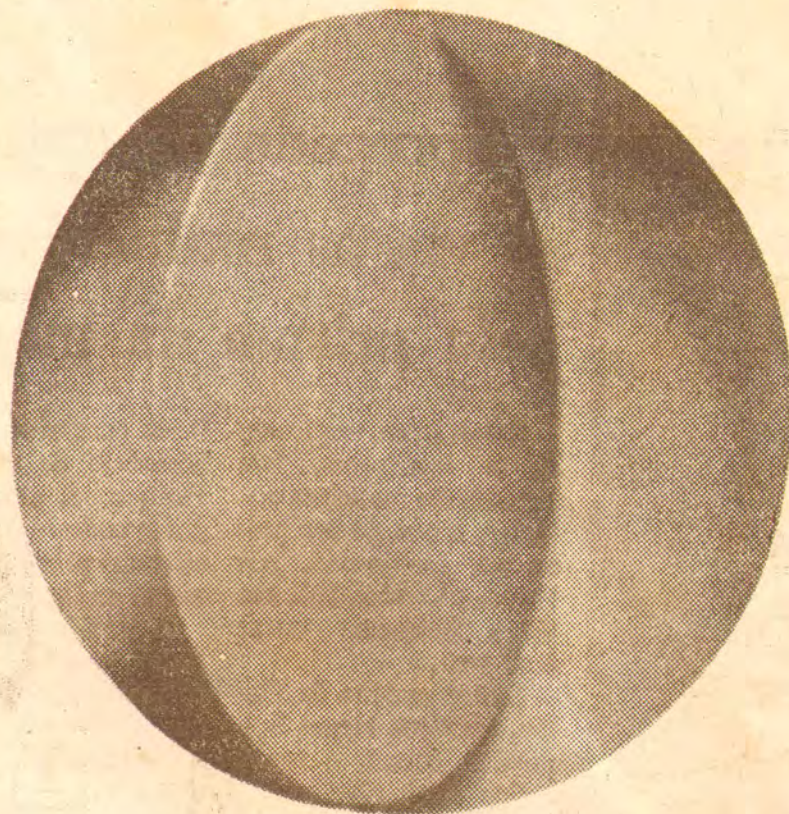


ARTES VISUAIS

Mário Pedrosa

O crítico e o diretor

ABERTA A II NEOCONCRETA



Com a presença de artistas, críticos e numeroso público, abriu-se ontem no salão de exposições do Palácio da Cultura (MEC), a II Exposição Neoconcreta que reúne mais de oitenta obras de treze artistas. Essas obras, na sua maioria fora dos padrões tradicionais, enquadram-se na denominação de não-objeto com que se designam os trabalhos que não caberiam nas categorias de pintura, escultura ou poema. Amanhã, às 21 horas, o grupo neoconcreto realizará uma palestra (com debate) no auditório do Palácio da Cultura. Entrada franca

Despeço-me, pelo menos por enquanto, da crítica militante. Meus possíveis e amados leitores, ter-me-ão, agora, de outro ângulo: do de diretor de um museu de arte moderna, e responsável por uma bienal. É muito trabalho e responsabilidade. Talvez muitos desses meus possíveis leitores me prefiram, assim, de longe, numa posição menos agressiva ou mais neutra que a de crítico militante, de óculos e lápis na mão.

Que há grande diferença entre as duas posições, não há dúvida. Ao crítico, é sua obrigação intervir na própria atividade do artista. Por mais antipático que isso seja, principalmente para mim que sou, que se-rei sempre do lado de lá, isto é, do lado da rua, irresistivelmente propenso à rebeldia, há no crítico algo dum guarda-civil, dum polícia: essa terrível obrigação de intervir para ver se está tudo conforme, nem que seja aos cânones de uma estética libertária, e de tomar sanções, isto é, julgar, dar notas, o aproxima dos guardiões da lei ou da ordem. E que ele está sempre investido de autoridade, mesmo quando não goste de se investir dela. Ela é da natureza de suas funções.

Quanto a um diretor de museu — mesmo de um diretor de museu de arte moderna — sua posição é diferente, como diferentes são as suas funções. Quando se fala: museu de arte... moderna, quer-se dizer de algo ainda polêmico. A arte de nossos dias é sempre discutida e discutível: um museu dessa espécie de arte é por isso mesmo instrumento também polêmico, ativo, em suma precipuamente experimental. Nesse sentido, há algo analógico à atitude crítica. Em face do museu dito de arte moderna, isto é, da viva, discutida, quente ainda do forno de onde saiu o outro museu, o tradicional, esse guarda com zelo e ciência as obras-primas que passaram o teste do tempo, e já não são mais discutidas.

No entanto, o diretor dum museu como o nosso de Ibirapuera ou de seu grande congêneres do Rio de Janeiro participa ativamente do presente, da batalha artística, que prossegue lá fora, como o crítico. Mas enquanto este último se compromete, se envolve, desde o começo, em alguma aventura artística de vanguarda, quer combatendo-a, quer sustentando-a, ab initium, o diretor, funcionalmente mais circumspecto, observa ou mesmo estimula, enfim — experimenta. Sua atitude é, pois, a de um observador atento, de um experimentador, como o químico no seu laboratório. Ele tem, é claro, de possuir as antenas do crítico, para, pelo menos, poder julgar ou da vitalidade ou das possibilidades de desenvolvimento ou da coerência ou da correspondência interior com a época ou da seriedade de qualquer movimento novo, que se anuncie ou apareça, seja de uma personalidade isolada, seja de um grupo de jovens artistas em formação. Fundado em seus próprios conhecimentos, em sua atitude estética, em sua experiência, ele acolhe (ou não) esse movimento, essas experiên-

cias novas. Ao fazê-lo, não significa que, aprioristicamente os aprove ou apóie. Ou seja apologetico aos mesmos. Sua responsabilidade, seus compromissos são sobretudo com os problemas em campo, ou melhor, com sua época, ao passo que os do crítico são sobretudo com o artista. O crítico, à porta dos ateliers, combate ou promove; o diretor, experimenta, estimula ou desconhece até segunda ordem.

Sob a minha direção, o Museu de Arte Moderna de São Paulo e a sua Bienal, que a visão, generosa e de longo alcance, do nosso Presidente Cícilio Matarazzo criou será um laboratório de experiências vivas e uma casa de estudo e de educação, destinada a assimilar o que de autêntico e vital se encontre naquelas experiências.

Caso Maria Eugênia Franco

ADEMAR DE BARROS
ATENDE AOS ARTISTAS
E CRÍTICOS DE ARTE

O Sr. Ademar de Barros acaba de determinar o retorno à direção do Serviço de Belas-Artes da Biblioteca Municipal da crítica de arte Maria Eugênia Franco, atendendo à solicitação de intelectuais e artistas. A demissão de Maria Eugênia teve, há alguns meses, ampla repercussão no meio artístico de São Paulo e do Rio.

Havendo organizado e dirigido, durante 12 anos, o Serviço de Belas-Artes da Biblioteca Municipal de São Paulo, foi Maria Eugênia Franco afastada de sua direção, depois da aposentadoria de Sérgio Milliet, por um ato do ex-Secretário da Educação da Prefeitura, Sr. Levy de Azevedo Sodré. O Serviço de Belas-Artes ficou subordinado à chefe da Mapoteca, Artistas e Intelectuais de São Paulo e do Rio e a Associação Brasileira de Críticos de Arte dirigiram memoriais ao Prefeito Ademar de Barros, solicitando o restabelecimento da autonomia do Serviço de Belas-Artes e o retorno de Maria Eugênia Franco ao posto que ocupava e onde vinha trabalhando pela divulgação educativa da arte, em São Paulo.

O Prefeito, embora pressionado por grupos políticos contrários, atendeu aos artistas e intelectuais, dando uma lição de comportamento político, pois Maria Eugênia Franco é irmã do Deputado socialista Cid Franco, um dos líderes da Assembléia que mais tem combatido o Sr. Ademar de Barros. O ponto fundamental da reivindicação foi o da necessidade de direção especializada em instituições culturais especializadas.

Uma comissão de artistas e críticos de arte irá agradecer ao Prefeito por haverem sido atendidos em sua reivindicação, tão logo o Sr. Ademar de Barros assine a segunda parte do que foi solicitado, isto é, o projeto de lei determinando a autonomia definitiva do Serviço de Belas-Artes pela criação da Seção de Arte.